

# Malan reúne-se hoje com diretor do FMI

*Assessores procuram tirar importância do encontro, que terá participação do presidente do BC*

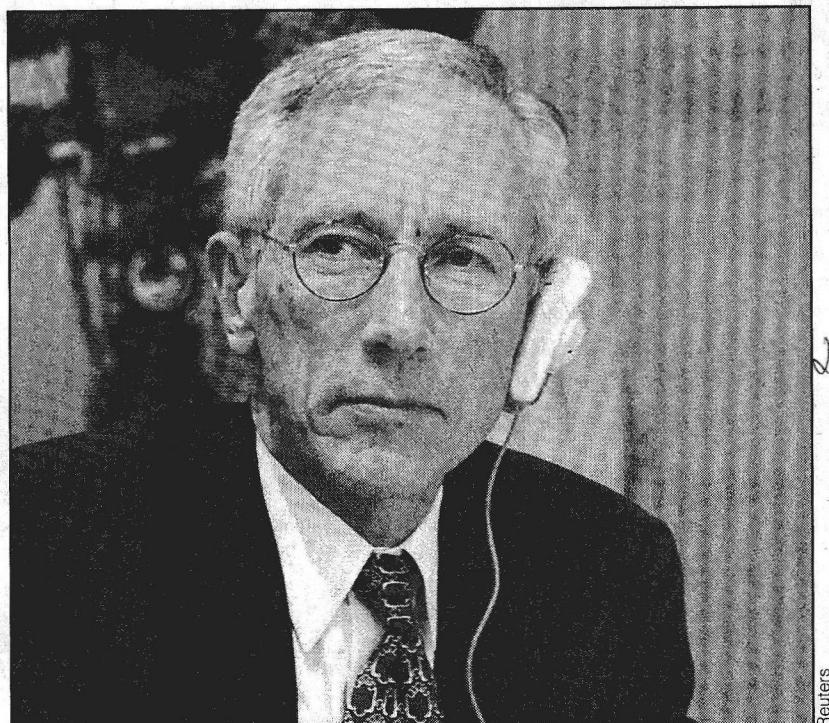
LILIANA ENRIQUETA LAVORATTI e MÔNICA YANAKIEW

**B**RASÍLIA - O ministro da Fazenda, Pedro Malan, reúne-se hoje no Rio com o vice-diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Stanley Fischer, para dar continuidade às negociações sobre o programa de ajuda financeira ao Brasil. O encontro, que terá a participação do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, e do secretário de Política Econômica, Amaury Bier, ocorrerá durante a manhã, no Ministério da Fazenda.

A assessoria de Imprensa de Malan tentou diminuir a importância da reunião, informando tratar-se apenas de uma "escala rápida" que Fischer fará no caminho entre a Argentina e Washington (Estados Unidos). O vice-diretor-gerente do FMI reuniu-se ontem com representantes do governo da Argentina, que já possui um acordo com o Fundo. Além disso, já estava decidido anteriormente que Malan despacharia hoje à tarde em seu gabinete no Rio.

"Não haverá assinatura de acordo", informou a assessoria do ministro. "Será um simples contato pessoal entre Malan e Fischer, coisa de rotina para aprofundar os entendimentos." Segundo a assessoria, "não será divulgado nenhum comunicado". Estavam marcadas para ontem à noite as saídas de Malan, de Brasília, e de Fischer, de Buenos Aires, rumo ao Rio. Os dois são amigos há vários anos.

O Estado apurou que a passagem do vice-diretor-gerente do FMI no Brasil estava prevista há alguns dias e confirmada desde anteontem. O objetivo da conversa en-



*Fischer: passagem pelo Brasil estava prevista havia alguns dias*

## DIVERGÊNCIA NA ÁREA TÉCNICA DO FUNDO ATRASA ACORDO

do FMI, em aceitar um acordo em moldes diferentes dos convencionais no caso do Brasil.

Mesmo que os pressupostos do acordo em negociação garantam a autonomia do País na apresentação de medidas fiscais para sanar o desequilíbrio das contas públicas e a manutenção da política cambial, restam várias questões passíveis de discussão entre o governo brasileiro e o Fundo. Segundo a mesma fonte, isso estaria emperrando o fechamento do acordo, o que motivou o encontro entre Malan e Fischer.

O modelo de acordo em discussão prevê que o FMI porá à disposição do Brasil um determinado volume de recursos que será usado caso o País tenha dificuldade em cum-

prir seus compromissos externos – como o pagamento do serviço da dívida externa. Para obter o dinheiro, o País terá de cumprir algumas metas, especialmente em relação às contas do setor público.

Como o déficit público é tido como a maior fragilidade do Brasil pelos investidores internacionais, o governo comprometeu-se em fazer um ajuste fiscal em três anos. Em 1999, o ajuste será equivalente a 2,6% do Produto Interno Bruto (PIB), em 2000 de 1,8%, e de 3% em 2001.

O FMI, juntamente com o grupo dos sete países mais ricos (G-7), poderá pôr à disposição da América Latina um volume de dinheiro com o objetivo diminuir os efeitos da crise internacional sobre a região. A maior parte desses recursos, no entanto, será destinada ao Brasil, pois o México e a Argentina, as duas economias latino-americanas fortes, possuem programas em andamento com o G-7 e com o FMI. Ontem, Malan passou o dia reunido com seus assessores, detalhando as medidas que serão anunciamos no dia 28.

tre os dois é aparar arestas verificadas nas negociações em andamento no âmbito técnico. Segundo uma fonte do Ministério da Fazenda, estaria havendo resistência, por parte dos escalões inferiores

prir seus compromissos externos – como o pagamento do serviço da dívida externa. Para obter o dinheiro, o País terá de cumprir algumas metas, especialmente em relação às contas do setor público.

Como o déficit público é tido como a maior fragilidade do Brasil pelos investidores internacionais, o governo comprometeu-se em fazer um ajuste fiscal em três anos. Em 1999, o ajuste será equivalente a 2,6% do Produto Interno Bruto (PIB), em 2000 de 1,8%, e de 3% em 2001.

O FMI, juntamente com o grupo dos sete países mais ricos (G-7), poderá pôr à disposição da América Latina um volume de dinheiro com o objetivo diminuir os efeitos da crise internacional sobre a região. A maior parte desses recursos, no entanto, será destinada ao Brasil, pois o México e a Argentina, as duas economias latino-americanas fortes, possuem programas em andamento com o G-7 e com o FMI. Ontem, Malan passou o dia reunido com seus assessores, detalhando as medidas que serão anunciamos no dia 28.